

PAISAGENS, SOCIEDADES  
E DESLOCAMENTOS  
NOS DOMÍNIOS COLONIAIS  
(SÉC. XVI-XIX)

5 A 8  
NOVEMBRO 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO OESTE DO PARÁ  
SANTARÉM/PA

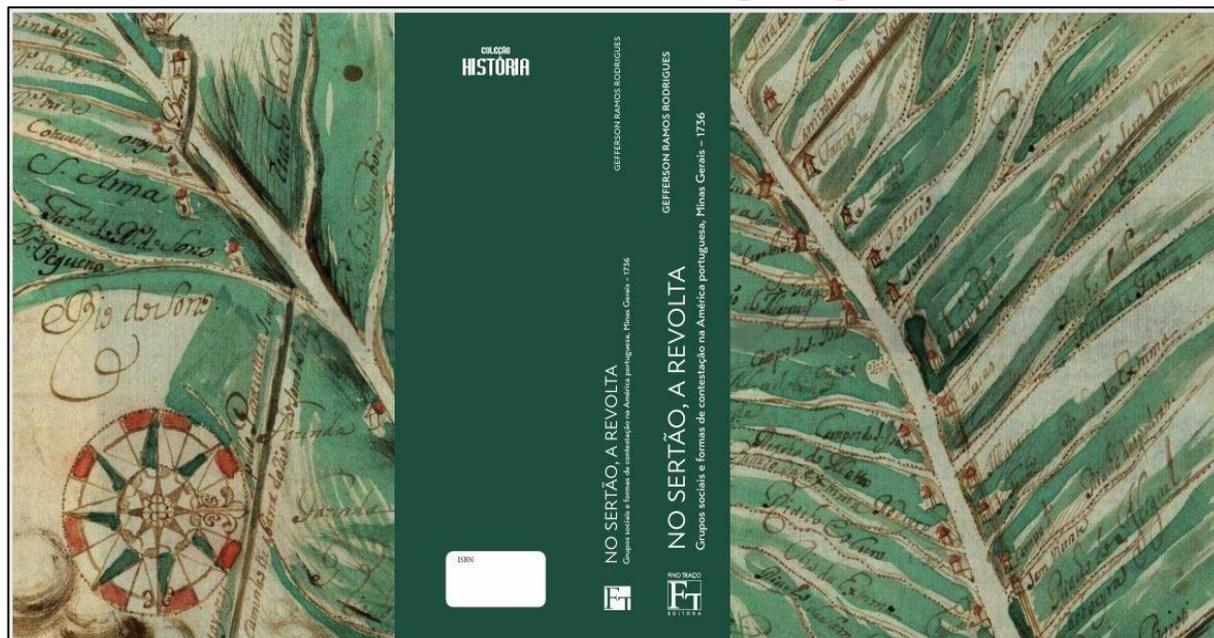


## Relação de livros lançados no EIHC

### 1. Título: No Sertão, a revolta: grupos sociais e formas de contestação na América portuguesa, Minas Gerais – 1736

**Autor:** Gefferson Ramos Rodrigues

**Sinopse:** Nomes como os de Maria da Cruz e o de seu filho Pedro Cardoso ficaram consagrados pela participação na revolta de 1736 contra a odiosa taxa de capitação. Esse acontecimento vai muito além deles. Sem desconsiderar o papel das elites, para termos uma compreensão mais ampla desse movimento, é preciso lembrar ainda de nomes como os do mameluco Simeão Correia, do ferreiro Francisco Ferreira, do “bastardo” Manuel



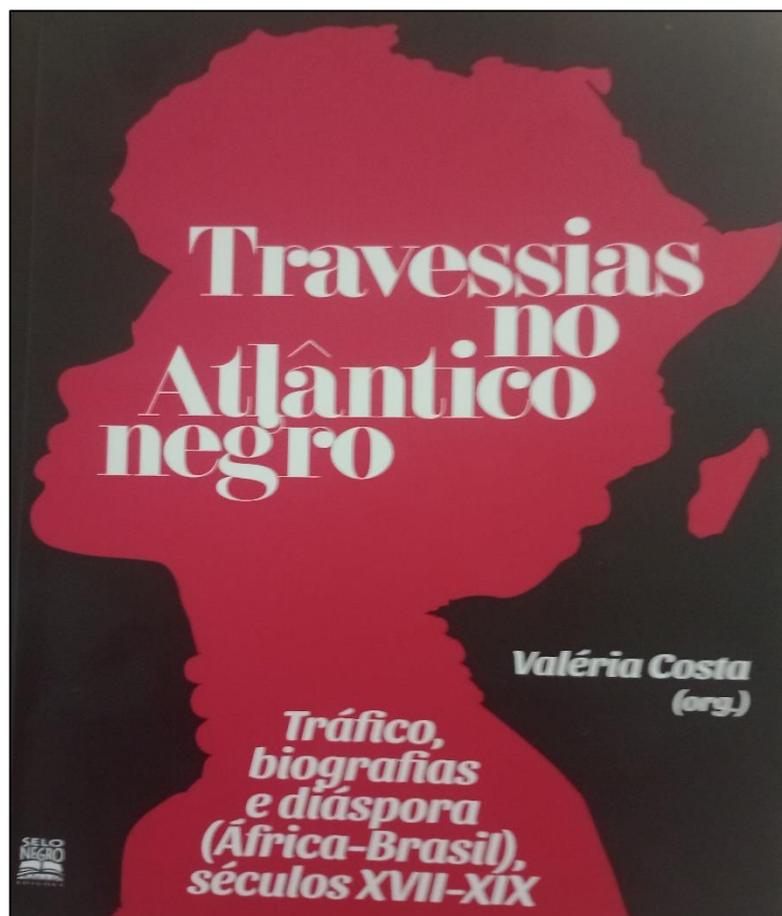
Nunes entre vários outros que tiveram atuação marcante no evento e permaneceram pouco conhecidos. Nos tumultos que se alastraram pelos sertões do rio São Francisco em Minas, esses segmentos nem sempre estiveram a reboque dos

grandes proprietários do lugar e conquistaram, ao longo das lutas, espaços de autonomia. Como poucas vezes se viu, a revolta no sertão foi um raro caso em que grupos menos favorecidos puderam, mesmo que ao lado de grandes proprietários, ser senhores de suas próprias vontades.

## 2. Título: Travessias no Atlântico negro: tráfico, biografias e diásporas -África-Brasil (séc. XVIII-XIX)

**Organização:** Valéria Costa

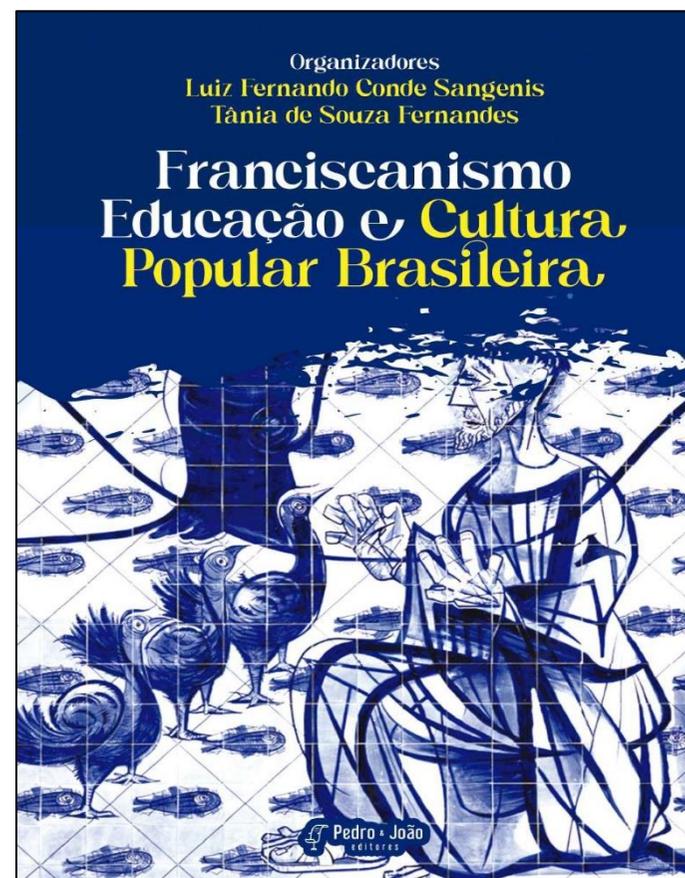
**Sinopse:** A obra reúne textos inéditos de doze pesquisadores/as de distintas regiões do Brasil, parte tem a carreira acadêmica projetada internacionalmente e/ou atual fora do país. Os capítulos abordam experiências de personagens negros até então pouco conhecidos. Os autores são historiadores/as jovens e consagrados que compartilham o compromisso com a pesquisa empírica, baseadas em ampla investigação em processos judiciais, notas cartoriais, registros paroquiais e correspondências oficiais para recuperar a agência histórica de mulheres e homens africanos e afro-diaspóricos. Ao versar sobre a escravidão e liberdade, os estudos aqui apresentados reduziram as lentes de observação nos sujeitos sociais cujas vidas anônimas demonstram como a instituição escravista afetou a todos, seja, escravizados, sejam libertos, sejam livres. Em tempos de disputas narrativas e inversão de fatos históricos, esta coletânea surge comprometida com o debate acerca da história pública do tráfico e da escravidão.



**3. Título: Franciscanismo, Educação e Cultura Popular Brasileira**

**Organizadores:** Luiz Fernando Conde Sangenis e Tânia de Souza Fernandes

**Sinopse:** O franciscanismo é importante componente da cultura brasileira. A diversidade de suas expressões e a abertura à diferença são características que o tornam plástico e permeável, capaz de compor, decompor e plasmar novas disposições em um mundo de trânsitos culturais. Nas fronteiras interculturais, a educação é campo de disputa e instrumento que serve a propósitos de domínio e poder. Entre diálogos e antidiálogos, se constrói a nossa história da educação. Para discuti-la, apresentamos uma obra aberta acerca do pensamento e da prática educacional franciscanas.



**4. Título: Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas no Brasil (2ª edição)**

**Autor:** Fabricio Lyrio Santos

**Sinopse:** O foco deste livro são as ideias formuladas no contexto da colonização portuguesa do Brasil a respeito dos povos nativos e as ações implementadas pelos colonizadores com vistas à imposição do modo de vida europeu, repercutindo, de diferentes maneiras, no processo de formação da sociedade brasileira contemporânea. Esta nova

edição revista e ampliada retoma e atualiza a tese original apresentada à banca de doutorado. O argumento central é que o modelo civilizatório construído a partir da década de 1750 no âmbito do reformismo ilustrado luso-brasileiro afirmou-se como contraponto político e ideológico ao modelo catequético formulado e executado pelas ordens religiosas, a serviço da coroa portuguesa, nos dois primeiros séculos da colonização, com destaque para os jesuítas.



O autor possui Graduação, Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Federal da Bahia e Pós-Doutorado pela Universidade Nova de Lisboa e pela Universidade Federal do Pará. Dedicou-se ao estudo da História do Brasil no período colonial com ênfase para Catolicismo, Jesuítas e Povos Indígenas. Atualmente é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e professor associado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É um dos organizadores de (Des)caminhos da Fé: Religiões e Religiosidades no Mundo Atlântico e autor de Te Deum laudamus: A expulsão dos jesuítas da Bahia (1758-1763), ambos pela Editora Saggá.

**A**o longo da colonização portuguesa do Brasil diferentes concepções a respeito das populações nativas foram formuladas e implementadas visando a imposição do modo de vida europeu e a dominação sobre o território, sua riqueza e seus habitantes. Na segunda metade do século XVIII, novas diretrizes políticas seriam definidas no âmbito do reformismo ilustrado vigente em Portugal. Leis decretadas entre os anos de 1755 e 1758 projetaram mudanças significativas na colônia, com consequências importantes para os povos indígenas, que buscaram atuar no sentido de garantir direitos e conquistar uma maior autonomia. Simultaneamente, o verbo civilizar e os substantivos civilidade e civilização passaram a fazer parte de maneira destacada do discurso colonial, relegando a segundo plano noções como catequese, conversão e cristianização. A partir de uma consistente pesquisa desenvolvida sobre um amplo conjunto de fontes impressas e manuscritas, este livro discute o impacto dessas mudanças na Bahia, como parte da configuração e consolidação de um novo modelo político e religioso para o Brasil.

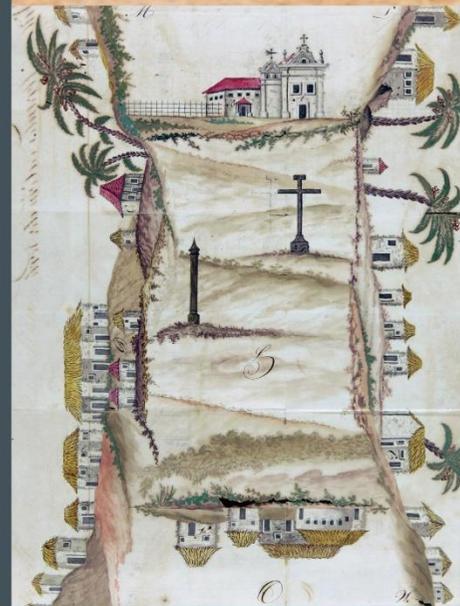


**SAGGÁ**  
EDITORA

DA CATEQUESE À CIVILIZAÇÃO: COLONIZAÇÃO E POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

## DA CATEQUESE À CIVILIZAÇÃO

COLONIZAÇÃO E POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

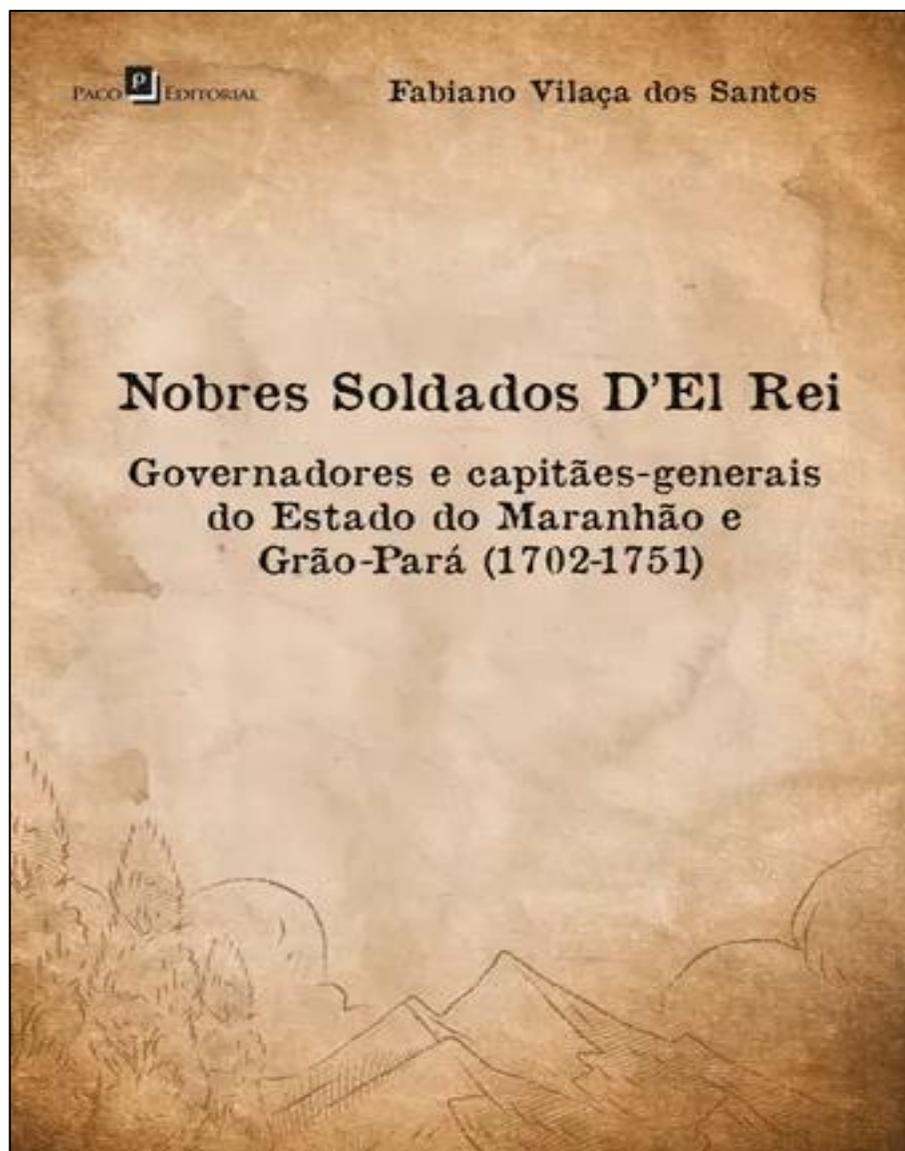


**FABRICIO LYRIO SANTOS**

2ª edição revista e ampliada

Que repercussões poderá ter um discurso "ilustrado", que, ainda que liminar e sutilmente, parece inverter a lógica "missionária", sublinhando a dimensão política da sociedade "civil" e secundarizando a religiosa? São muitas as perguntas a que esta obra pretende responder, mas o desafio fundamental, que o leitor poderá confirmar nas páginas seguintes, reside na capacidade de interrogar um contexto e um "texto", constituído por leis, integrando-os nas condições complexas do seu tempo, enquanto simultaneamente se olha uma realidade contemporânea mais facilmente compreendida se explicada pelo passado, com todas as suas contradições e ambivalências.

Zulmira Santos  
Universidade do Porto



5. **Título: Nobres Soldados D'El Rei: governadores e capitães-generais do Estado do Maranhão e Grão-Pará (1702-1751)**

**Autor:** Fabiano Vilaça dos Santos

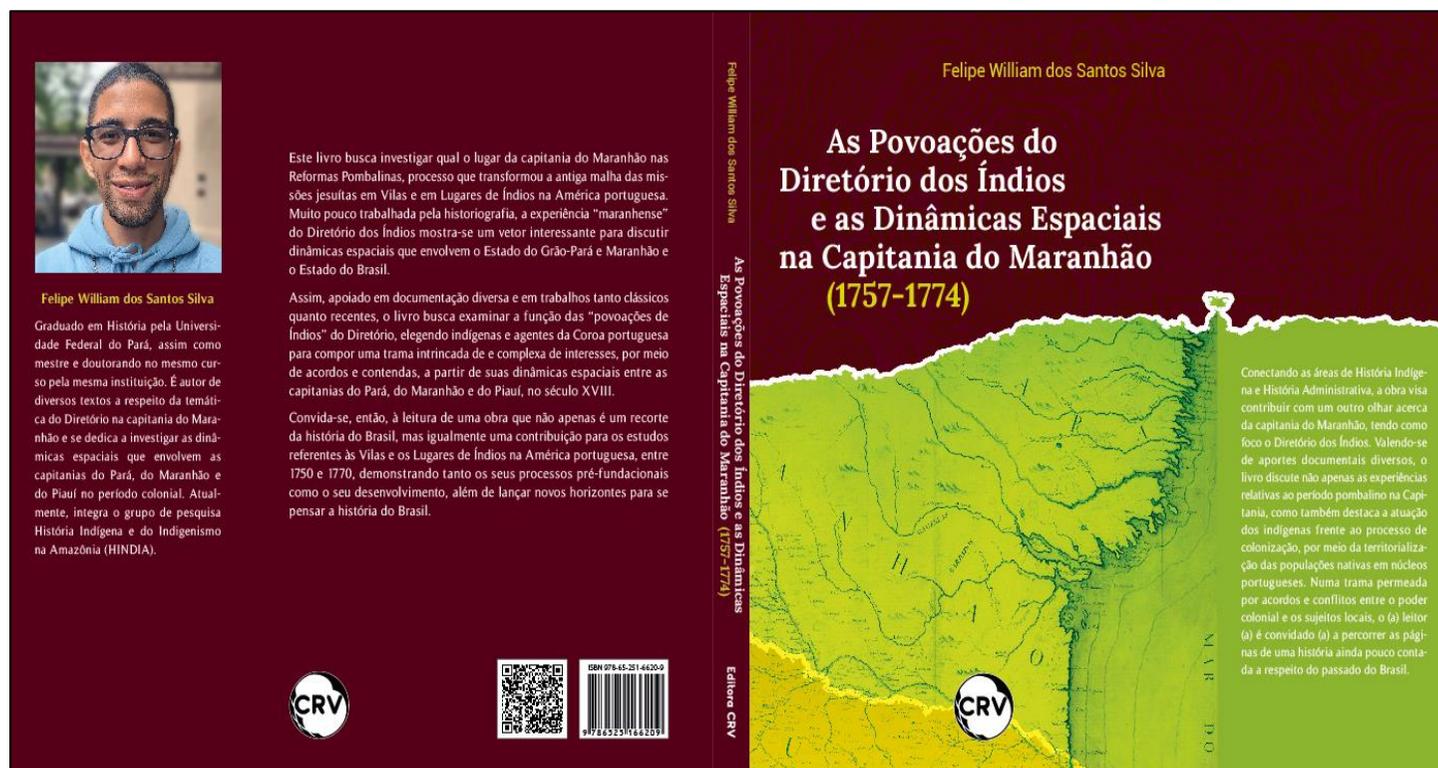
**Sinopse:** Nobres soldados d'El Rei consolida resultados de uma investigação sobre o perfil social e as trajetórias administrativas de governadores e capitães-generais do Estado do Maranhão e Grão-Pará. Mas, afinal, quem foram esses indivíduos que deixaram o Reino para servir à monarquia no Norte da América portuguesa? De que forma delinearam suas trajetórias como militares e administradores coloniais? Essa é a proposta central do trabalho: definir e analisar os traços biográficos e os percursos dos governadores e capitães-generais a serviço do rei em Portugal e nos seus domínios ultramarinos.

## 6. Título: As povoações do Diretório dos Índios e as dinâmicas espaciais na capitania do Maranhão (1757-1774)

**Autor:** Felipe William dos Santos Silva

**Sinopse:** Este livro busca investigar qual o lugar da capitania do Maranhão nas Reformas Pombalinas, processo que transformou a antiga malha das missões jesuítas em Vilas e em Lugares de Índios na América portuguesa. Muito pouco trabalhada pela historiografia, a experiência "maranhense" do Diretório dos Índios mostra-se um vetor interessante para discutir dinâmicas espaciais que envolvem o Estado do Grão-Pará e Maranhão e o Estado do Brasil.

Assim, apoiado em documentação diversa e em trabalhos tanto clássicos quanto recentes, o livro busca examinar a função das "povoações de Índios" do Diretório, elegendo indígenas e agentes da Coroa portuguesa para compor uma trama intrincada e de complexa de interesses, por meio de acordos e contendas, a partir de suas dinâmicas espaciais entre as capitanias do Pará, do Maranhão e do Piauí, no século XVIII.



# A ÉPOCA MODERNA

ORGANIZADORES

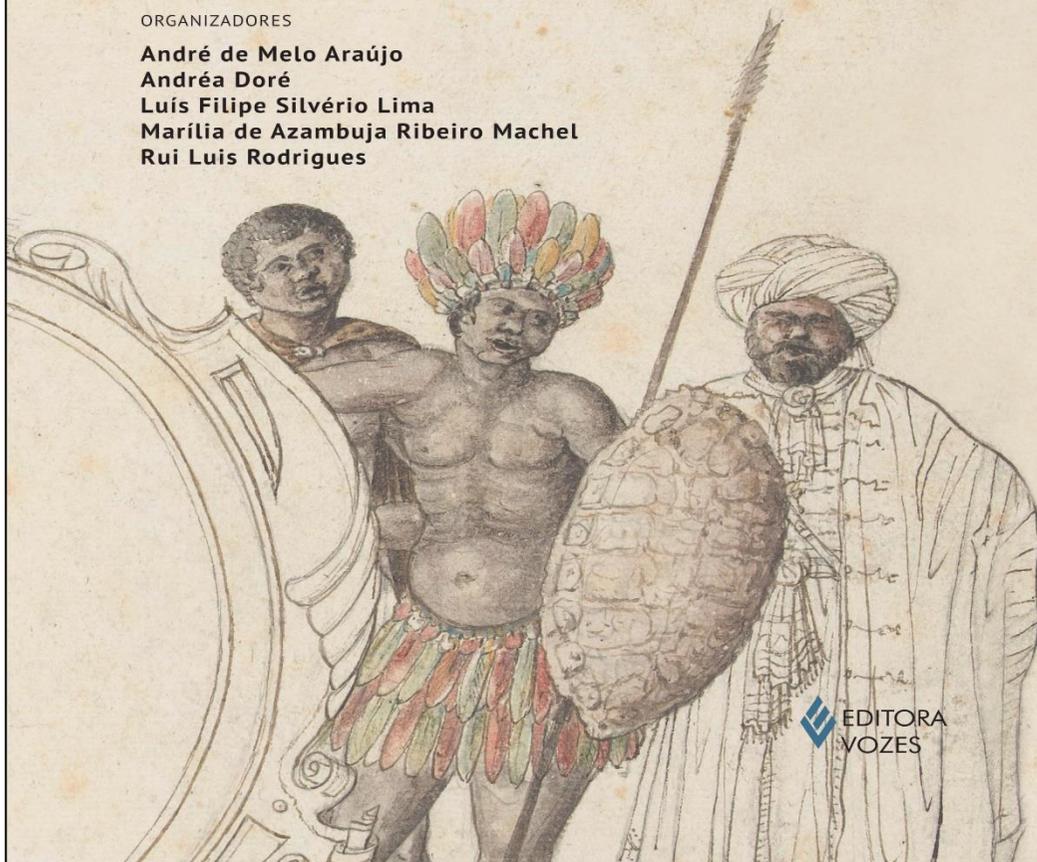
André de Melo Araújo

Andréa Doré

Luís Filipe Silvério Lima

Marília de Azambuja Ribeiro Machel

Rui Luis Rodrigues



## 7. Título: A Époça Moderna

**Organizadores:** André de Melo Araújo, Andréa Doré, Luís Filipe Silvério Lima, Marília de Azambuja Machel e Rui Luis Rodrigues.

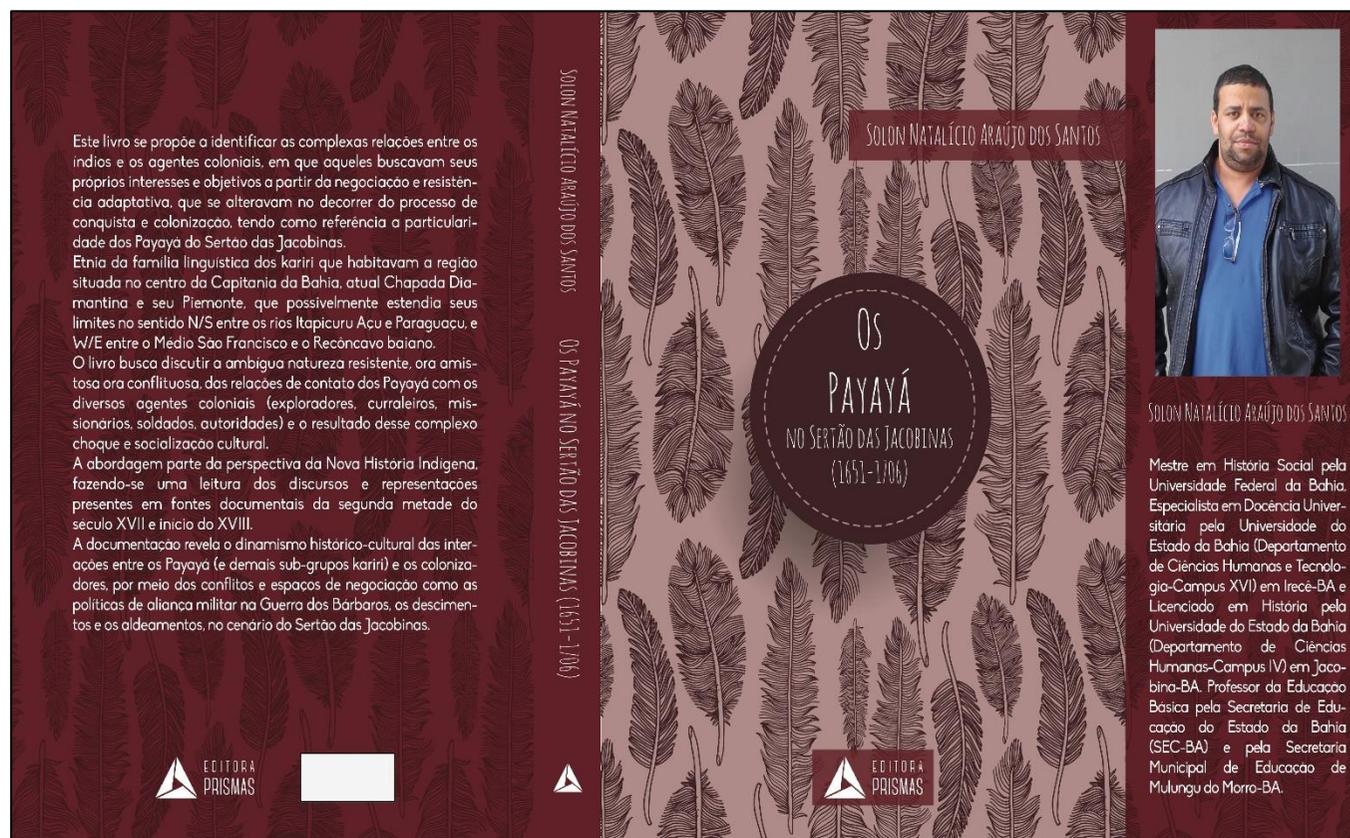
**Sinopse:** Este manual aborda o período histórico conhecido como Époça Moderna, quando as diferentes regiões do globo entraram em contato e em conflito. Buscando superar a narrativa de uma modernidade singular, europeia e ocidental, os capítulos apresentam os múltiplos agentes históricos atuantes do século XV ao XVIII, das mulheres indígenas da América até as sociedades islâmicas, passando pelas comunidades camponesas europeias. Sem deixar de abordar temas clássicos do período, do Renascimento à Revolução Francesa, esta obra revela que a Époça Moderna não é o produto de uma, mas de várias modernidades

## 8. Título: Os Payayá no Sertão das Jacobinas (1651-1706)

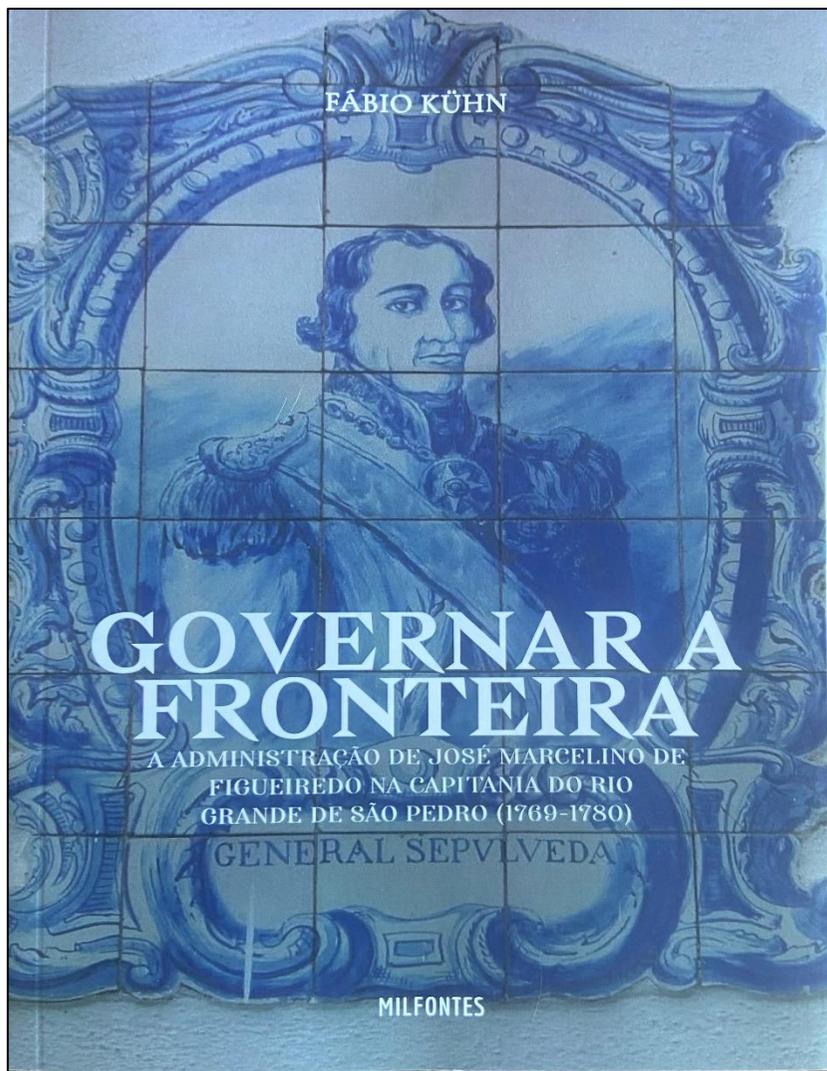
**Autor:** Solon Natalício Araújo dos Santos dos Santos

**Sinopse:** Este livro se propõe a identificar as complexas relações entre os índios e os agentes coloniais, em que aqueles buscavam seus próprios interesses e objetivos a partir da negociação e resistência adaptativa, que se alteravam no decorrer do processo de conquista e colonização, tendo como

referência a particularidade dos Payayá do Sertão das Jacobinas. O livro busca discutir a ambígua natureza resistente, ora amistosa ora conflituosa, das relações de contato dos Payayá com os diversos agentes coloniais (exploradores, curraleiros, missionários, soldados, autoridades) e o resultado desse complexo choque e socialização cultural. A abordagem parte da perspectiva da Nova História Indígena, fazendo-se uma leitura dos discursos e representações presentes em fontes documentais da segunda metade do século XVII e início do XVIII. A documentação revela o dinamismo histórico-cultural das interações entre os Payayá (e demais sub-grupos kariri) e os colonizadores, por



meio dos conflitos e espaços de negociação como as políticas de aliança militar na Guerra dos Bárbaros, os descimentos e os aldeamentos, no cenário do Sertão das Jacobinas.



**9. Título: Governar a fronteira - A administração de José Marcelino de Figueiredo na capitania do Rio Grande de São Pedro (1769-1780)**

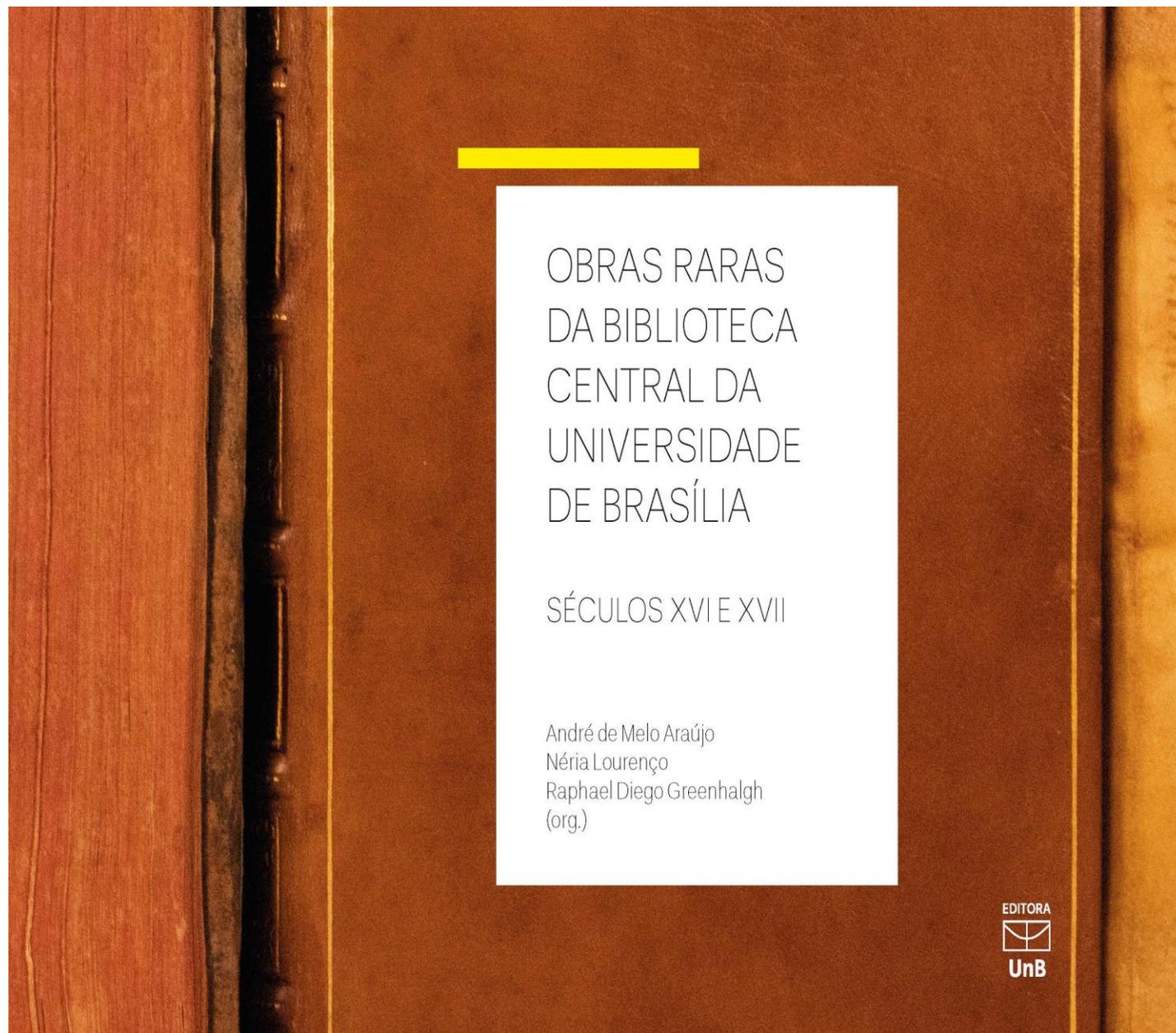
**Autor:** Fábio Kühn

**Sinopse:** Este livro não é exatamente uma biografia de José Marcelino de Figueiredo, o pseudônimo pelo qual foi conhecido no Brasil o brigadeiro Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda. Não tem essa pretensão, pois seu foco é o período de cerca de uma década (1769-1780) em que José Marcelino esteve no cargo de governador da capitania subalterna do Rio Grande de São Pedro. O seu governo coincide com um momento crucial para o processo de formação das fronteiras da América portuguesa, em meio às rivalidades dos Impérios ibéricos pelo domínio territorial da região platina. Por conta disso, um dos temas centrais são as questões de defesa e guerra com os espanhóis, mas também a sua política de povoamento e fundação de freguesias, a administração da questão indígena e os conflitos jurisdicionais com outras autoridades e elites locais, além das redes de sociabilidade do governador, somente para mencionar os grandes eixos que compõem este trabalho.

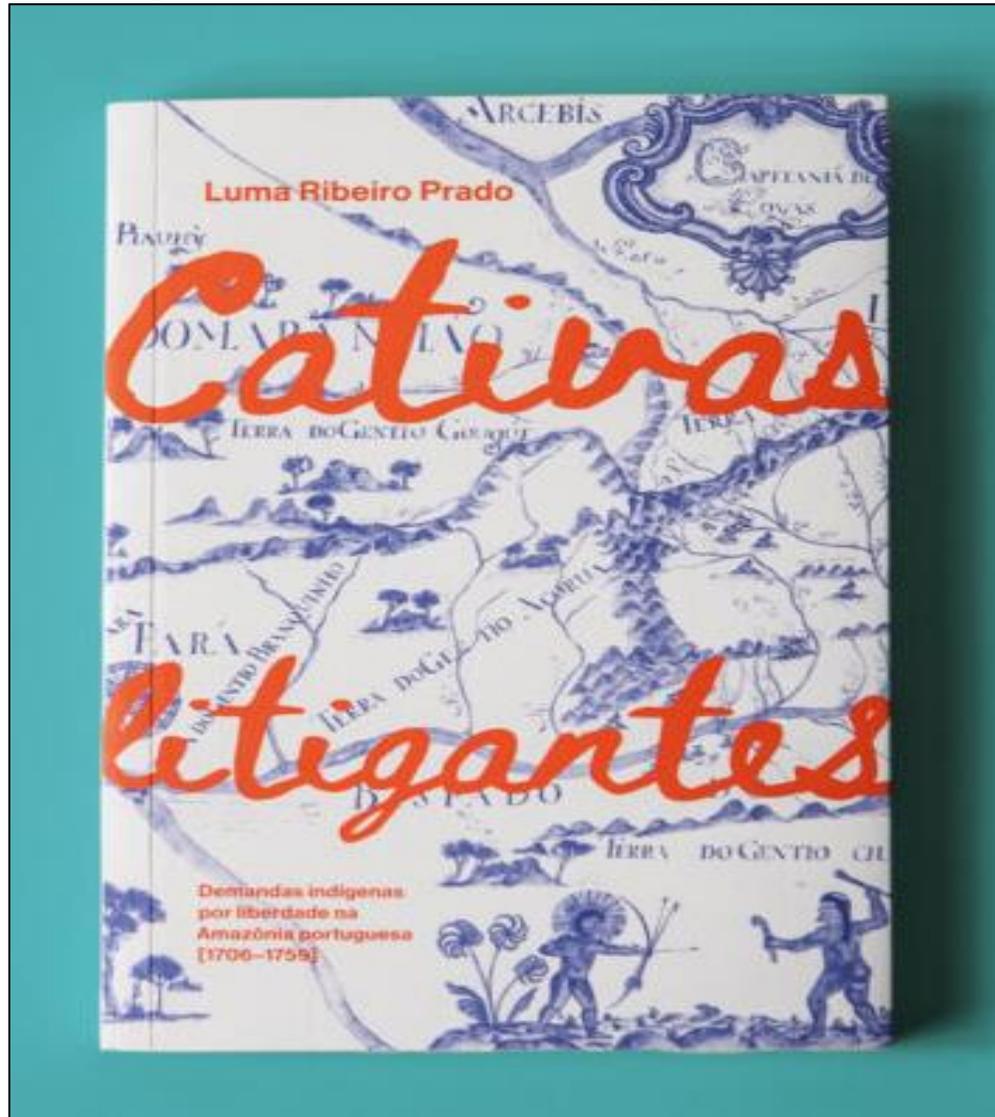
**11. Título: Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília - Séculos XVI e XVII**

**Organizadores:** André de Melo Araújo, Néria Lourenço e Raphael Greenhalgh

**Sinopse:** O catálogo das obras impressas nos séculos XVI e XVII e preservadas na Universidade de Brasília traz a descrição bibliográfica desses artefatos impressos acompanhada por mais de vinte textos de apresentação dos títulos.



## 12. Título: Cativas litigantes: demandas indígenas por liberdade na Amazônia portuguesa (1706-1759)



**Autora:** Luma Ribeiro Prado

**Sinopse:** Este livro revela que os povos originários da terra a que hoje chamamos Brasil há muito tempo recorrem à justiça como uma das arenas possíveis de luta contra o avanço da colonização sobre seus corpos e territórios. Quem ainda se surpreende com advogados indígenas defendendo os “parentes” nas mais altas instâncias judiciais do país e do mundo devia saber que seus antepassados já moviam processos nas cortes coloniais desde pelo menos o século XVIII, recorrendo das decisões, se preciso, até que o assunto fosse apreciado pelo rei de Portugal. Eis as “cativas litigantes” descritas nestas páginas: indígenas, sobretudo mulheres, que foram aos tribunais da época com o objetivo de libertar a si e a seus familiares da escravidão a que estavam submetidas nas regiões do Pará e do Maranhão — e, na maioria das vezes, conseguiram. Com esta premiada pesquisa, Luma Ribeiro Prado ilumina questões pouco conhecidas da história dos povos ancestrais e do protagonismo das mulheres indígenas em um incessante e admirável processo de resistência ao apagamento.

### 13. Título: Nos sertões d'água da estrela maior

**Autor:** Marcela Gomes Fonseca

**Sinopse:** "Nos sertões d'água da estrela maior" é um livro de contos, de autoria da historiadora e escritora Marcela Gomes Fonseca, que propõe um diálogo entre Literatura e História Social da Amazônia, cujo prefácio foi escrito pelo professor de História Moderna na UFPA José Alves de Souza Jr. São 9 contos de ficção que são ambientados em contextos diferentes da História da Amazônia, por exemplo, no momento pós-Cabanagem, na época das missões jesuíticas e na ditadura militar. Apesar de ficções, foram escritos a partir de fontes históricas.





**14. Título: Justiça e fracassos em xeque: método e pesquisa em conversas de historiadores**

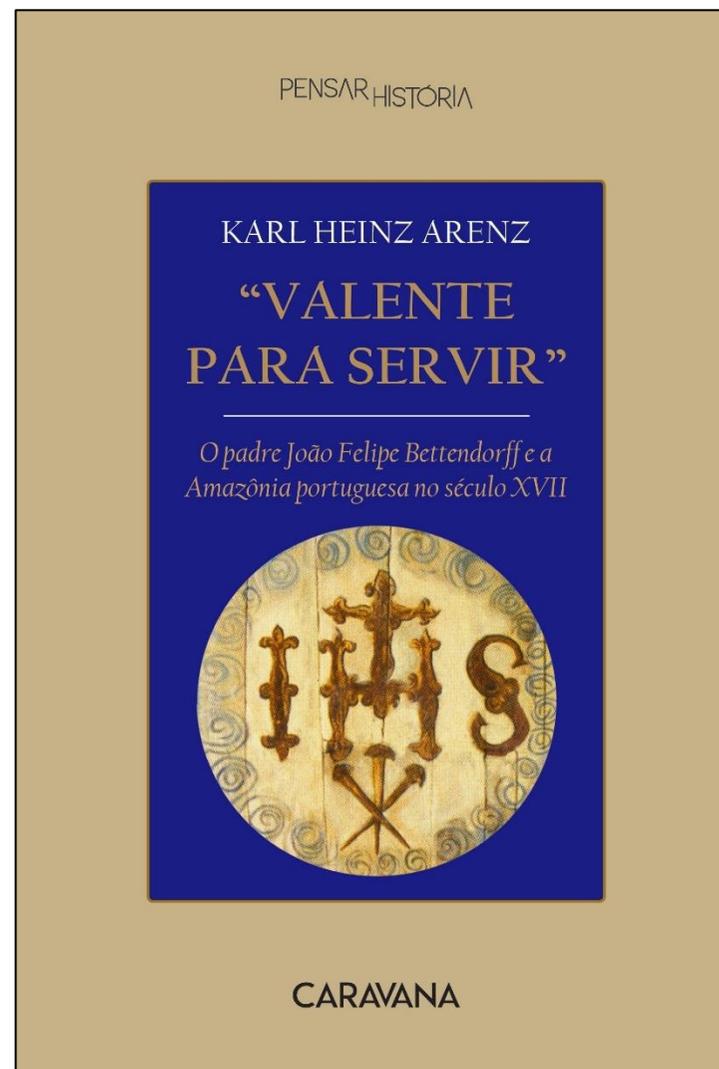
**Organizadores:** Daniela Buono Calainho e Rodrigo Bentes Monteiro

**Sinopse:** O livro reúne 12 entrevistas feitas com historiadores sobre os temas da justiça e do fracasso em várias situações. Há muitas experiências de pesquisa relatadas em tom coloquial, conselhos metodológicos e atenção a questões atuais, em relação a dois projetos de pesquisa realizados pelo grupo Companhia das Índias - UFF.

**15. Título: "Valente para servir": o padre João Felipe Bettendorff e a Amazônia portuguesa no século XVII**

**Autor:** Karl Heinz Arenz

**Sinopse:** O livro segue a trajetória do jesuíta João Felipe Bettendorff que saiu de uma Europa, dilacerada por constantes guerras, rumo a uma Amazônia, imersa em um complexo processo de colonização. Inteiramente homem do século XVII, este padre, formado em filosofia, direito e teologia, trabalhou mais da metade de sua vida na Missão do Maranhão, ocupando nela os cargos administrativos mais importantes. Um dos sucessores de Antônio Vieira, ele fez da autonomia dos aldeamentos e, por meio dela, da consolidação do projeto jesuíta as prioridades de sua atuação na região que hoje conhecemos como Amazônia.



## 17. Título: Heterologias Modernas

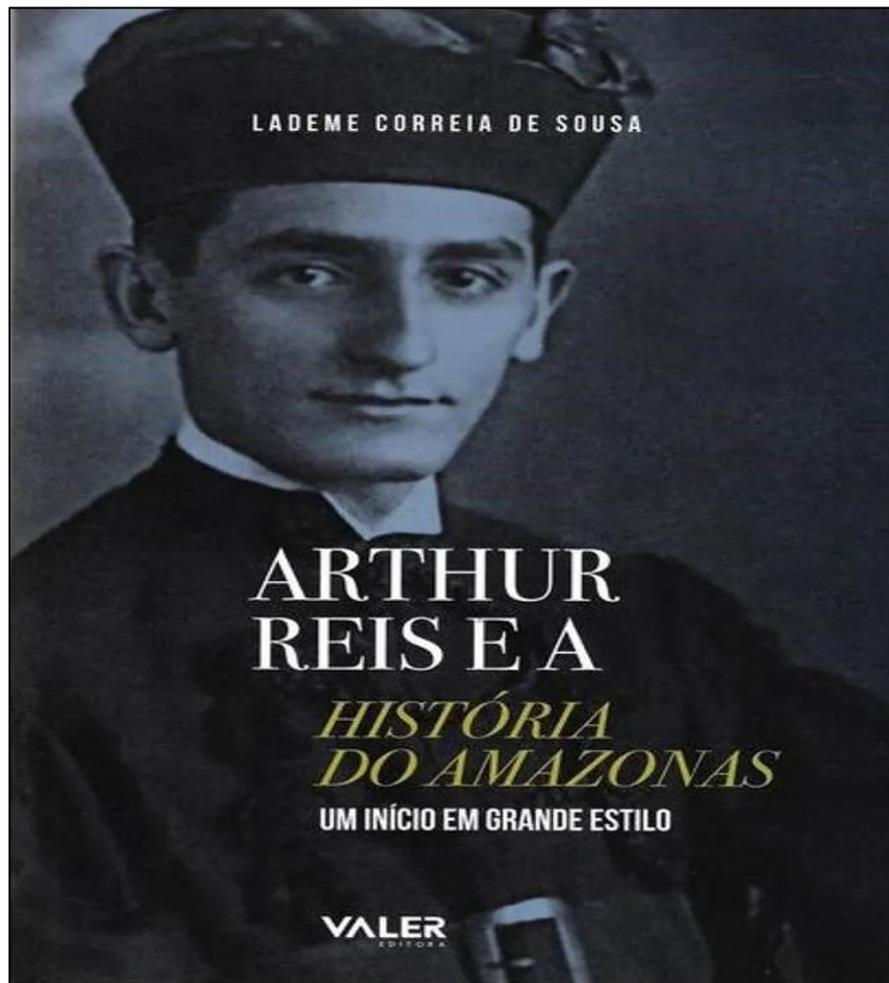
**Organizadores:** Camila Corrêa e Silva de Freitas; Nívia Pombo; Rachel Saint Williams

**Sinopse:** A intenção desta coletânea é refletir a respeito das heterologias modernas, leia-se da época moderna, período no qual a colonização marcou de forma indelével a primeira mundialização, colocando na condição de “outros” uma série de povos e culturas. A etiqueta ‘moderna’ também convida a uma análise acerca do conceito de modernidade utilizado por determinada intelectualidade oitocentista, como estratégia de legitimação da pretensa superioridade europeia em relação às outras partes do mundo, transformando-se em uma herança bastante longa. Nesse sentido, foi um pressuposto central explorar outros enquadramentos e perspectivas de investigação dos estudos históricos acerca do período que, por uma convenção europeia, denominamos época moderna. Diferentes respostas a esse desafio se encontram nos oito capítulos que formam o presente livro.



Diferentes respostas a esse desafio se encontram nos oito capítulos que formam o presente livro.

## 18. Título: Arthur Reis e a História do Amazonas: um início em grande estilo



**Autora:** Lademe Correia de Sousa

**Sinopse:** Arthur Reis e a história do Amazonas: um início em grande estilo trata do início da carreira deste historiador prodígio, que publicou seu primeiro livro “A História do Amazonas” em 1931, quando tinha apenas vinte e cinco anos de idade. Arthur Reis, nasceu em Manaus em 08 de janeiro de 1906, cresceu e se educou na capital da borracha durante seu período de crise. As escolas Saldanha Marinho, Marechal Hermes e o Ginásio Amazonense Pedro II foram as grandes responsáveis pela sua formação inicial, que se completaria com o curso de Direito realizado entre 1923 e 1927, em Manaus e no Rio de Janeiro. Mudou-se para Belém em 1939 e depois para o Rio de Janeiro em 1945, construindo uma carreira que o consolidaria como especialista em assuntos amazônicos. Foi no Rio de Janeiro que o autor passou a maior parte da sua vida, com pequenas interrupções visto que voltou a residir em Manaus em alguns momentos para exercer cargos no serviço público e na política, como a direção da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da

Amazônia (Spvea), de 1953 a 1955, a direção do Instituto de Pesquisas da Amazônia por indicação do então presidente Getúlio Vargas e função de governador do Amazonas (1964-1967) durante a ditadura civil-militar. Devido seu extenso currículo, pesquisar este autor, nos impôs um enorme desafio tendo em vista a grande

quantidade de obras publicadas entre livros e artigos, além de sua intensa carreira no serviço público e na política. Assim, optamos por fazer um recorte que privilegiou o início da sua vida profissional, com ênfase na publicação do seu primeiro livro *A História do Amazonas*. Buscamos compreender a inserção deste seu livro no contexto da historiografia brasileira, procurando analisar em quais bases teórico-metodológicas Arthur Reis se ancorou na realização da sua pesquisa e de que forma a obra foi recebida pelos intelectuais brasileiros, além de identificar a relação de Arthur Reis com os Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) e outros Institutos Histórico de outros estados brasileiros. Foi também objeto da nossa pesquisa traçar um paralelo entre o, então, jovem Arthur Reis e Álvaro Maia, autor da famosa *Canção de Fé e Esperança*, que instigou alguns intelectuais amazonenses e serviu como base para a construção da *História do Amazonas* dentro de uma preocupação com o civismo que deveria ser repassado às novas gerações amazonenses devedoras de aprender com os homens que passaram. Com essa proposta de educar a sua geração no exemplo dos “grandes nomes” da história, verificamos, ainda, a importância que Arthur Reis teve entre os intelectuais amazonenses nas décadas de 1930 e 1940. As principais fontes utilizadas foram as cartas recebidas por Arthur Reis nas décadas de 1920 a 1940 e os jornais impressos em Manaus neste mesmo período. A análise das fontes nos possibilitou desvendar as relações intelectuais travadas entre Arthur Reis e vários estudiosos brasileiros e alguns estrangeiros, possibilitou a compreensão da importância da *História do Amazonas* e de seu autor no contexto local e sua busca em se inserir nos círculos intelectuais do Sul do país. O livro *História do Amazonas*, também foi utilizado como fonte de pesquisa, nele elegemos as principais temáticas abordadas com vistas à compreender como Arthur Reis as representou e de que forma suas propostas tinham relações com seu objetivo principal de narrar as “glórias” da colonização que encaminhou o Amazonas a tão desejada civilização.

## 19. Os correios dos governadores: comunicação escrita administrativa e militar na América portuguesa

**Autor:** Romulo Valle Salvino

**Sinopse:** O livro estuda diferentes casos de organização de sistemas de comunicação escrita por governadores de capitânicas da América portuguesa, durante um período que vai de 1729 até 1821. Pode ser classificado como um estudo sobre a chamada comunicação política, mas com grande preocupação a respeito da materialidade da comunicação e dos sistemas logísticos que a tornavam possível. A transmissão de mensagens escritas era uma necessidade tanto em tempos de paz quanto naqueles de guerra. Predominavam para tanto soluções mais ou menos improvisadas, mas os casos aqui abordados destacam-se pela constituição de sistemas postais com elevado nível de organização em distintas regiões dos domínios americanos. Tempo e espaço são elementos centrais das análises apresentadas, algo já presente em trabalhos anteriores do autor e que ganha neste livro uma nova camada de reflexão.

